

AS PRÁTICAS DA CULTURA DIGITAL

Dalton Lopes Martins¹

RESUMO

Este artigo aborda a cultura digital como sendo esta um conjunto de práticas sociais que são singulares do espaço digital. O texto apresenta as principais características dessas práticas sociais, procurando dar ênfase nas suas regularidades e nas formas de observação de suas manifestações. Identifica, ainda, as práticas informacionais, comunicacionais, relacionais e curatoriais. Por fim, é problematizada a necessidade de análise posterior das condições sociais em que acontecem essas práticas, levando em conta as especificidades dos casos, para que se possa observar as diferenças das estratégias de socialização.

Palavras-chave: Cultura Digital. Práticas sociais. Algoritmos.

ABSTRACT

This article approaches the digital culture as being a set of social practices that are singular of the digital space. The text presents the main characteristics of these social practices, seeking to emphasize their regularities and ways of observing their manifestations. It also identifies informational, communicational, relational and curatorial practices. Finally, the need for a posterior analysis of the social conditions in which these practices take place is analyzed, taking into account the specificities of the cases, so that the differences of socialization strategies can be observed.

Keywords: digital culture. Social practices. Algorithms.

EM BUSCA DE UM CONCEITO

A ideia de **cultura digital**, seja como área organizacional em instituições voltadas para políticas públicas culturais ou mesmo em instituições privadas de mídia e marketing, seja como conceito no campo da pesquisa acadêmica e em pesquisas de formas de consumo e produção de comunicação, tem prestado um serviço de extrema relevância no Brasil, sobretudo na última década.

¹ Doutor em Ciência da Informação e Professor Associado da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília. E-mail: dmartins@gmail.com.

A cultura digital busca articular uma multiplicidade de conceitos, servindo como ponto de apoio na produção de um comum para abordar a construção de políticas públicas, projetos experimentais, movimentos ativistas, pesquisa acadêmica, laboratórios liberais, inovação social, movimentos de comunicação, participação social, acervos digitais, modelos de gestão, entre tantos outros aspectos que poderiam ser aqui enumerados. No entanto, como todo conceito transversal, acaba correndo o risco de, por conta dessa característica polissêmica, representar tudo e nada ao mesmo tempo. Ao que parece, a cultura digital encontra-se atualmente nessa condição.

Diante disso, busca-se aqui menos definir “cultura digital” baseando-se em uma linha teórica e conceitual específica, entre as muitas que definem o conceito, e mais formular algumas interrogações que facilitem clarear qual o campo de jogo e suas possíveis regras de formação em que se encontram esses diversos conceitos e o que parece pautar a sensação de que, apesar de distintos, ainda assim formam um comum. O primeiro ponto que vale a pena questionar é o próprio sentido de “cultura” para, num segundo momento, entender quais são as especificidades que podem caracterizar a experiência do digital.

Definir “cultura” a partir deconsiderando um único ponto de vista não só soa ingênuo para o que se busca discutir aqui, como também uma contradição em relação às várias formas de debater o conceito, que, apesar de múltiplas e mesmo divergentes, parecem invariavelmente ressaltar um ponto em comum entre elas: em torno das diferentes tentativas de definir “cultura” percebemos a tentativa de se explicar a diversidade das práticas sociais humanas. De alguma maneira, essas tentativas anunciam que é por meio da cultura que se pode expressar, reconhecer e mesmo valorizar a diversidade dessas práticas.

[...] a cultura refere-se aos elementos simbólicos da vida social, ou seja, a um conjunto de representações, valores morais e ideais que institui e organiza a sociedade. Os aspectos simbólicos de uma dada organização social não existem acima dos indivíduos, como “estrutura estruturada”, mas a partir da ação dos próprios indivíduos uns em relação aos outros, sujeitas a mudanças, como “estrutura estruturante”. (PASSIANI; ARRUDA, 2017, p. 135)

Buscaremos aqui formas possíveis de se observar a cultura, com o objetivo de identificar regularidades e estabelecer alguns critérios de significação que permitam compreender as diferentes culturas, seus pontos em comum e suas dissonâncias, e com isso estabelecer pontos de observação que façam avançar um ponto de vista científico sobre o objeto. Para tal, é preciso observar os elementos simbólicos da vida social e, assim, definir elementos constituintes de uma cultura. Mas, cabe ressaltar, que é na

ação social relacionada a esses elementos simbólicos que se pode observar a cultura em movimento, sua dinâmica como prática social, definindo regularidades, padrões e, eventualmente, dissonâncias que constituem o mundo social. Entende-se aqui por “prática social” aquilo que se revela nas condutas regulares dos agentes em dinâmica de interação social, produzindo as coisas que se fazem e as coisas que não se fazem, como sugerido por Bourdieu (THIRY-CHERQUES, 2006).

O senso prático, senso de orientação e senso de jogo, simultaneamente, é o que permite aos agentes se adaptarem a um número infinito de situações sem seguir explicitamente uma norma, uma regra, um código transmitido (postura que a abordagem estruturalista mecanicista é incapaz de explicar), mas sem que por isso eles obedeçam ao livre decreto de seu pensamento, como pretendem as teorias subjetivistas ou racionalistas. (SAPIRO, 2017, p. 297.)

A ideia de “práticas” é menos importante para definir “cultura” e mais porque coloca este último conceito em movimento e o faz caminhar em conjunto com a própria dinâmica social dos diferentes povos e da convivência humana. Recupera a ideia desse senso de jogo, que estabelece contornos e regularidades possíveis de manifestação. É no movimento do que se conserva e no movimento do que se transforma que encontramos a cultura, aparecendo como *aquilo do que se fala, aquilo que se faz e aquilo do que se vive*; e é nos modos de produção, conservação e socialização do simbólico que ali se encontram os pontos de observação necessários para se identificar as diferentes perspectivas culturais. Conceito meio, a cultura só encontra seu espaço como contorno daquilo que se expressa, se faz ver e disputa o próprio sentido de sua existência. Prática é, portanto, vida enquanto se faz viver.

Tem-se aqui algumas linhas do campo de jogo. É por meio do olhar que busca reconhecer **as práticas de socialização do simbólico** que se encontra as manifestações que ajudam a descrever não só a cultura na qual se está imerso, como também colocar em análise a e refletir sobre a cultura do que parece dissonante, estranho ao próprio modo de se manifestar. Outras práticas podem ser observadas e compreendidas, e o próprio horizonte que singulariza os indivíduos se expande quando as práticas se remixam produzindo o jogo infinito das invenções humanas em seus modos de existência.

SOCIALIZAÇÃO DO SIMBÓLICO: AS SINGULARIDADES DO ESPAÇO SOCIAL DIGITAL

Mas, e o tal do digital? Como ele se relaciona com cultura a ponto de se estabelecer como expressão composta, chegando mesmo a se manifestar como “**cultura digital**” e funcionar como produtor de sentidos para um número expressivo de instituições, grupos e pessoas?

Entendendo aqui cultura como conceito meio, operador de aberturas de significado que permite observar as práticas sociais em seu contínuo movimento do conviver em torno das diferentes formas possíveis de socialização do simbólico, entende-se “cultura digital” como um conjunto de práticas sociais que acontecem de forma *singular* no espaço social digital. É importante destacar a ideia de singularidade para que se possa falar de cultura digital, visto que há práticas que só podem se dar nesse espaço social e que terminam por ser inerentes às condições desse espaço (possibilidades e restrições), quer sejam tais práticas técnicas, em relação ao meio no qual se dão, ou sociais, em relação ao tipo de interação por meio do qual se socializa.

Vale ressaltar que esse espaço do digital é o espaço do que se produz por meio de uma máquina de processamento simbólico que opera e transforma ondas elétricas em sinais binários, conhecidos por 0s e 1s, permitindo a construção de inúmeras estratégias de cálculo desses sinais e sua recombinação por meio de algoritmos que repetem blocos de cálculos complexos em uma velocidade muito superior comparada à velocidade da cognição humana. Isso, de maneira simplista, é o fundamento de todas as experiências de uso de equipamentos digitais que um dia venham a surgir, do simples desenho de uma linha na tela de computador ao movimento de pousar um satélite num cometa em movimento.

O digital é ainda fenômeno recente na história humana. As primeiras experiências com o digital são datadas da década de 1940, num contexto de buscas por inovações técnicas e científicas e vantagens estratégicas em plena II Guerra Mundial. Experimento na década 1940 e produto comercial em escala na década de 1980, o digital instaura-se como espaço no imaginário humano há aproximadamente 40 anos. Embora os estudos, as pesquisas e as tentativas de se analisar esse fenômeno sejam feitos com diferentes perspectivas, é praticamente unânime a compreensão de que junto com o tal advento do digital ocorrem transformações profundas nos modos de existência humana.

No esforço de procurar dar visibilidade ao campo de jogo da cultura digital, pode-se, então, perguntar quais são as práticas sociais que surgem e se consolidam com esse fenômeno e que servem de sustentação às diferentes formas de entendimento de “cultura digital”. Parece-nos que a chave

para refletir sobre essas práticas é o próprio fundamento do que representa o digital, ou seja, a sua capacidade singular de manipulação simbólica automática, o que a diferencia de todos os outros suportes de manipulação que já foram antes desenvolvidos pelo ser humano.

Não se trata apenas de singularizar o aspecto quantitativo do fenômeno, a capacidade de lidar com a manipulação simbólica em alta quantidade e à velocidade da luz, mas dos aspectos qualitativos, sobretudo a capacidade de produção de outros usos possíveis dos símbolos que somente se tornam viáveis quando processados em alta velocidade e quantidade, criando condições estruturais para que determinadas experiências possam ocorrer. É em torno da investigação do que ocorre, com base na ideia de manipulação simbólica, que se propõe a definição de quatro conjuntos de práticas sociais que podem ser observadas no universo do espaço digital: **práticas informacionais, práticas comunicacionais, práticas relacionais e práticas curatoriais.**

AS 4 PRÁTICAS SOCIAIS DA CULTURA DIGITAL

Práticas que giram em torno de diferentes estratégias e propósitos de manipulação simbólica, produzindo diferentes modos de manifestar a cultura digital como espaço de expressão cultural humana. Práticas que dão passagem a fenômenos que podem se complementar na própria perspectiva histórica do que tem sido a sofisticação dessas estratégias de manipulação simbólica do universo digital. Práticas que demandam novos suportes tecnológicos interacionais que permitem a manipulação de documentos, de objetos multimídia, de transformações informacionais e de manipulação de fluxos comunicacionais altamente flexíveis, tornando viáveis recombinações em tempo real de diferentes símbolos e fluxos simbólicos em novos objetos que dão passagem a novos tipos de relações sociais. É apenas por meio da observação de como esses novos elementos simbólicos aparecem que se pode identificar os traços característicos dessas práticas sociais que, a nosso ver, constituem a cultura digital.

O primeiro conjunto de práticas sociais da cultura digital denomina-se **práticas informacionais**. A etimologia da palavra “informação” remete à ideia de dar forma, moldar algo usando os recursos da própria mente. Há algo aqui que possui a característica de um evento, ou seja, há uma dinâmica de moldar algo a partir dos sinais que se recebe do mundo através de capacidade sensorial e sensibilidade e a busca que se move por um desejo de produzir uma forma de representar um significado, uma forma de ver um pedaço do mundo que a lente sintetiza na ideia que se traduz palavra. Energia e forma, produção de uma metaestabilidade temporária, estrutura dinâmica, a informação se constitui deste encontro entre os

sinais do mundo e a lente da intencionalidade, seja ela consciente ou não, daquele que olha. Tem-se aqui todo um conjunto de práticas sociais que podem, então, ser compreendidas: são elas as práticas de moldar, dar forma à matéria do digital e mixar e remixar os elementos simbólicos à luz de sua capacidade automática de processamento.

A produção de um texto que se percebe hipertexto por meio da construção de uma página *web* usando *tags* em código *html* que conectam um desenho; uma fotografia; a edição de uma tabela e estabelece relações de *hiperlink* com outros documentos previamente criados são exemplos desse tipo de prática. Dão forma substancial ao universo digital e são, entre as outras práticas propostas, as que têm maior estabilidade temporal e que servem, portanto, de apoio a um conjunto de estratégias que procuram estabilizar sentidos, narrativas e maneiras de entender as coisas ao redor de um agente social.

Tamanha sua importância enquanto conjunto de práticas, surgiram áreas inteiras de conhecimento que explicitam e procuram sistematizar as “boas práticas” da modelagem informacional, tal como o que se conhece hoje pelo conjunto de conhecimentos denominado “arquitetura da informação”. Na experiência de produção da *web*, são as práticas que primeiro aparecem em tempos em que a rede se constituía basicamente de *links* que referenciavam documentos digitais, e as poucas coisas que se poderia executar em rede era visitar esses *links* e ter acesso a esses documentos. Apesar de hoje parecer banal, representou à sua época uma enorme revolução na possibilidade de produção de um novo espaço informacional que ampliou de maneira única na história da humanidade a capacidade de acesso das pessoas a essas formas de estruturação de significado produzidas por outras pessoas, que nem sequer se teria a possibilidade de um dia ter contato. Eram formas de se socializar mapas cognitivos de conexão entre documentos.

Vale frisar que surgem aqui os indícios de uma nova forma de cultura, que começa a se desenvolver em torno de novas práticas e suas possibilidades de apropriação social. É a **cultura do hiperlink**, em que por meio da alta capacidade e flexibilidade de manipulação simbólica de documentos torna-se possível conectar diferentes objetos, pedaços de objetos e criar verdadeiros mapas de navegação por entre esses objetos, surgindo, de fato, toda uma nova metainformação que traz à tona as escolhas e os modos de conexão de documentos estabelecidos pelos agentes sociais que produzem essas conexões. É observando esse fenômeno de manipulação simbólico como modo de socialização que se percebe as regularidades instituintes de uma prática social: a produção do hipertexto torna-se regra, modo de escrita, hábito socializado e incorporado em estratégias de escrita, formas de arte, vendas de produto e componente ativo de cursos de formação que ensinam as “boas práticas” da socialização na *web*.

O segundo conjunto de práticas denomina-se **práticas comunicacionais**. No caso da comunicação, a referência a sua etimologia parece também nos auxiliar a caracterizar o conjunto de práticas que aqui se quer colocar em evidência. Comunicar é partilhar, participar de algo, tornar comum. As práticas comunicacionais podem, então, ser percebidas menos pela sua demanda de uma metaestabilidade e necessidade de dar forma e mais pelas estratégias de fazer circular, pôr em movimento e se fazer chegar de um ponto a outro de uma rede de nós em conexão. No universo digital, o desenvolvimento de protocolos específicos, síncronos e assíncronos, permite o surgimento de serviços e ferramentas comunicacionais, tais como o e-mail, a mensageria instantânea (*icq, hangout, whatsapp*) e os fóruns. A *web* cresce em sofisticação e complexidade, permitindo não apenas a criação de documentos digitais em formas específicas de representação de significado, mas também a produção de inúmeras estratégias de fazer circular essas formas.

As práticas comunicacionais surgem com a percepção de que se está diante de novos modos de socialização por meio da conversação em rede. Esse novo tipo de manipulação simbólica e seu efeito nas formas de comunicação são mais facilmente percebidos quando se nota as novas estratégias de mensagem instantânea. São os aplicativos que convocam a atenção em tempo real avisando sobre novas mensagens que chegaram e permitindo que se enviem mensagens com alta complexidade simbólica (áudio, vídeo, imagens) a qualquer momento e com tempo de entrega praticamente imediato. São mensagens que tendem a convocar a atenção imediata, modificando, muitas vezes, a experiência de fruição do tempo de interação social. O que se observa é que esses aplicativos modificam não apenas a intensidade e a temporalidade da interação, mas também sua qualidade, gerando novas dinâmicas de conversação, em que tipos novos de mensagens são produzidas, novas formas de utilização do texto e escrita, chegando à formação de novos agrupamentos temáticos de pessoas para se socializar dessa maneira. É a **cultura da mensagem instantânea**.

O terceiro conjunto de práticas denomina-se **práticas relacionais**. O que se procura evidenciar nessas práticas é a perspectiva do surgimento de novas estratégias de relacionamento social no universo digital. Novas relações são possíveis, e toda uma nova gramática da relação passa a ser experimentada em novas estratégias de manipulação simbólica. O surgimento das inúmeras experiências de formação de grupos, coletivos e, sobretudo, das mídias sociais é a manifestação mais evidente dessas práticas na *web*. Pode-se agora fazer novos amigos e redefinir a própria noção de amizade, “cutucar” pessoas, criar grupos abertos e fechados, segmentando o espaço social conforme interesses específicos, curtir, votar, compartilhar, recomendar, comentar, enfim, exercer diferentes maneiras

de práticas relacionais. Pode-se mesmo se relacionar com recursos materiais dessa maneira, como os novos aplicativos para obtenção de transporte (Uber), reserva de acomodações para viagens (AirBnb) e mesmo para monetização de recursos interacionais (Blockchain). Novas tecnologias de manipulação simbólica foram fundamentais para o desenvolvimento e potencialização dessas práticas, que foram disseminadas como experiência cultural em escala, sobretudo a partir do início dos anos 2000.

Ao se perceber um conjunto novo de modos de relação social mediados por eventos específicos que condicionam essas relações pelas funcionalidades disponíveis dos aplicativos de mídias sociais, nota-se não apenas as novas dinâmicas sociais, mas o surgimento de novas significações do que representam simbolicamente essas relações. Expressões como “curtir” passam a ganhar novas dimensões sociais e efeitos simbólicos que parecem induzir modos específicos de relacionamento social. Um dos efeitos mais fáceis de se observar essas práticas é por meio das linhas do tempo estabelecidas pelos aplicativos de mídias sociais.

Essas linhas do tempo organizam o que está visível no momento em que o aplicativo é ativado, deixando disponível uma certa quantidade de objetos interacionais para se relacionar. Após certo período de tempo, a depender de cada aplicação, a linha do tempo é atualizada, e surgem novos objetos, novas mensagens, novas pessoas, novos conteúdos. Essas novidades tornam-se disponíveis para novas formas de interação, essencialmente rápidas, demandando atenção no momento em que surgem e se tornando de difícil recuperação para análise e avaliação posterior. Os aplicativos induzem, de certa maneira, ao consumo e à realização imediata da interação. É a constatação do que se chama da **cultura da *timeline***.

O quarto e último conjunto de práticas denomina-se **práticas curatoriais**. São percebidas pelas práticas que estabelecem relevância e realizam filtros de significância por meio de funcionalidades específicas nos aplicativos de mídias sociais. São práticas que interagem e calibram diretamente os algoritmos desses aplicativos, permitindo que tais aplicativos “descubram” aquilo de que mais gostamos, aquilo sobre o qual estamos interessados, induzindo os algoritmos a gerarem filtros de conteúdos que selecionam apenas parte da totalidade dos conteúdos disponíveis para visualização.

Essas práticas são aquelas que convocam a qualificar conteúdos digitais, seja votando, por meio de diferentes formas possíveis de votação (pontuação, estrelas, curtidas, cores, etc.), seja apenas por meio dos rastros que são deixados ao se fazer buscas em bases de dados, e essas buscas serem reconhecidas como aquilo que se deseja ver mais, saber mais e conhecer mais. Logo, seja por meio de ações conscientes de seleção e curadoria, seja

por meio de ações inconscientes que se baseiam apenas naquilo em que se presta mais atenção por um determinado período de tempo, ao se socializar por meio dessas práticas, ações de curadoria são levadas a efeito, tornando os algoritmos mais “inteligentes” em relação ao que farão em ações futuras de seleção de objetos digitais que estarão visíveis. Essas práticas são também chamadas aqui de **cultura do algoritmo**.

ALGUMAS REFLEXÕES

Ao se analisar o conceito de “cultura digital” por meio das práticas sociais que podem ser reconhecidas como relacionadas a esse conceito, estabeleceu-se aqui elementos que têm por objetivo reconhecer essas práticas, suas condições de observação e contorno, procurando nomear, não de maneira exaustiva, mas de maneira sintética, alguns princípios que facilitam a observação da regularidade dessas práticas e a percepção de sua centralidade nas experiências de uso da tecnologia como elemento de socialização contemporânea.

O digital mostra, dessa maneira, singularidades fundamentais e constituintes de um espaço social que é único na história, evidenciando elementos que visam facilitar a problematização crítica dessas singularidades. A singularidade das formas de manipulação simbólica do digital facilita a observação das formas sociais de apropriação de seus recursos técnicos. Ao se observar os modos de transformação simbólica que dão passagem às novas formas de socialização, o conjunto de práticas aqui apresentado torna-se evidente e se revela em suas características essenciais.

Sem dúvida, cabe avançar nessa pesquisa para se identificar as condições de socialização dessas práticas, tanto para conhecer as diferenças de apropriação delas pelos diversos agentes sociais em suas diferentes condições sociais de apropriação, quanto para se apontar os efeitos que elas produzem nos modos de organização social da contemporaneidade.

[...] o conhecimento das condições sociais responsáveis pela demanda de um canal de circulação de bens simbólicos explica as formas específicas de utilização do produto. De um lado, as condições sociais de produção de bens simbólicos; de outro, as condições sociais de uso institucional desses bens. (MARTINO, 2003, p. 14.)

O que se buscou fazer aqui neste curto espaço de reflexão é determinar as condições de observação dessas práticas, procurando, sobretudo, reconhecer a singularidade da cultura digital como novo espaço de constituição simbólica da socialização humana. É o reconhecimento das práticas

geradas em um novo elemento sociotécnico, complexo, multifacetado e permeado de diversos imaginários que termina por dificultar o estabelecimento de uma análise científica dos seus efeitos na dinâmica de socialização. Ao se observar da maneira proposta, tem-se por objetivo facilitar o desenvolvimento da pesquisa crítica dessa forma de cultura.

O estudo das práticas permite escapar da necessidade de definição do conceito para que dela se possa estabelecer um diálogo possível. Como se viu, é menos de um conceito que se parte e mais das diferentes formas práticas que se socializa e que podem, se assim for conveniente para o estabelecimento dos recortes de uma pesquisa, serem agrupadas e servirem de apoio para se estabelecer a base de identificação das manifestações práticas de um conceito.

Logo, o que se permite inferir dessa pesquisa inicial é que o conjunto deos quatro tipos de práticas sociais que, ao serem observadas na complementaridade, ajudam a definir as especificidades da cultura digital, as formas características e regulares de socialização simbólica e novos espaços sociais de interação, que podem ser analisados em conjunto para se compreender os atuais jogos sociais ali instaurados e, as diferentes dinâmicas que constituem esse “senso de jogo” nas brechas das singularidades da cultura digital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MARTINO, Luís Mauro Sá. *Mídia e poder simbólico*. 2. ed. São Paulo: Editora Paulus, 2003. 198 p.
- PASSIANI, Enio; ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Cultura. In: *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017. 398 p.
- SAPIRO, Giséle. Prática (Teoria da). In: *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2017. 398 p.
- THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Revista de Administração Pública*, n. 40, v. 01, p. 27-55, jan./fev, 2006.